

NOTAS SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM JÓ

Jayder Roger²³

*Por isso, não reprimirei a minha boca.
Na angústia do meu espírito, falarei;
Jó 7:11 – NAA*

Como se ilustra a angústia? É uma expressão facial, um gesto, um momento ou uma condição? O pintor inglês William Blake (1757 – 1827) tomou suas manifestações como parte basilar de sua interpretação do sofrimento, em as Ilustrações do Livro de Jó – uma série de vinte e duas gravuras – publicadas em 1826. Na sétima e oitava gravura (BLAKE, 1825) temos a marca da angústia na face dos que veem o sofrimento de Jó²⁴, e finalmente na do próprio Jó, quando lamenta: “Pereça o dia em que nasci e a noite em que se disse: ‘Foi concebido um homem!’” (Jó 3:3 – NAA). São nesses momentos que Blake (1826) consegue nos dar um vislumbre de interpretação daquilo que não conseguimos pôr em palavras, portanto, não sendo passível de ser totalmente representado. Talvez o que as suas ilustrações nos deem certeza, é por se tratar daquilo que “que não engana, que

23 Publicitário, graduando em Psicologia na Universidade Jorge Amado e Membro do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI).

24 “De longe eles levantaram os olhos e não o reconheceram. Então ergueram a voz e choraram. E cada um, rasgando o seu manto, lançava pó ao ar sobre a cabeça. Sentaram-se com ele no chão durante sete dias e sete noites. E ninguém lhe disse uma só palavra, pois viam que a dor era muito grande” Jó 2:12 e 13 - NAA

está fora de dúvida” (LACAN, 2005, p. 88).

Ao abordar o Livro de Jó, é fundamental situar sua poesia em um contexto que transcende o particular, em uma perspectiva universalista da investigação do problema da teodiceia, como aponta Alter (2010). Suas implicações teológicas, em uma complexa estrutura literária, revelam contribuições psicanalíticas interessante sob a ótica do conceito de angústia. Assim, a narrativa do livro bíblico se apresenta como um convite a aprofundar-se nas intrincadas relações entre mito, desejo, sofrimento e a busca por sentido.

I O MITO E O DRAMA SUBJACENTE

O Livro de Jó, com sua origem enigmática, atraiu interesse da literatura por desafiar os padrões convencionais de retribuição divina estabelecidos na Bíblia Hebraica. Ao contrário dos textos poéticos e sapienciais do Antigo Testamento – como Salmos, Provérbios, Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos –, que se conformam com uma lógica de recompensas e punições, Jó se distancia dessa norma. Diferentemente de Abraão, que submete-se à exigência divina de sacrificar seu filho Isaque como prova de fé, Jó desafia e questiona a justiça de Deus. Ao fazê-lo, o livro rompe com a visão teológica predominante desde Gênesis (ALTER, 2010, p.17), apresentando um cenário em que o divino se mostra radicalmente autônomo e distante da compreensão humana.

No que diz respeito a nós, e como o antigo mundo nos toca em nossos sofrimentos estruturais contemporâneos, é necessário refletir sobre o alcance do mito de Jó em nossa experiência. Segundo Spero (2007), o que esse mito nos oferece é uma narrativa que aborda um aspecto da condição humana que

só pode ser parcialmente expressado e que, em última análise, escapa a uma compreensão plena. A partir dessa perspectiva, o sofrimento de Jó se revela não apenas como uma experiência singular, mas como uma expressão mais ampla de angústia que transcende o tempo e o contexto específico — mesmo que pela particularidade de um cânone da tradição abraâmica. A integração do drama subjetivo em um mito com valor humano universal (LACAN 2009, p.251) permite que reconheçamos na angústia de Jó um reflexo da nossa própria experiência compartilhada.

O que o poeta²⁵, possível autor do livro, ao escolher a narrativa, nos engajou foi em uma tarefa paradoxal: por um lado, ele busca dar forma simbólica a um desejo que, por definição, escapa à simbolização completa; por outro lado, ele reconhece que a narrativa, por mais elaborada que seja, nunca poderá preencher completamente a lacuna que busca representar. É na própria estrutura do poema, que ainda permanecemos sobre o escopo do desejo de ser reconhecido no Outro: Que a falta não é meramente um relato isolado, mas, um traço da condição humana em seu núcleo mais profundo. Assim, ao nos confrontarmos com o sofrimento e a angústia de Jó, podemos ver uma parte intrínseca da experiência humana que se conecta com nossa própria vivência do sofrimento, revelando o caráter universal e perene da angústia.

II DEUS E JÓ: OBJETOS CAUSA DE DESEJO

Se nos permitimos encarar o relato bíblico como uma experiência de análise, é intrigante observar que, diante de uma

25 Seguimos aqui com Alter (2010) ao interpretar o Livro de Jó como uma poesia hebraica.

série de tragédias que desmantelaram a vida de Jó — retirando-lhe a riqueza, a família e, finalmente, a saúde —, seu impulso inicial não se restringe à perda concreta, mas se expande ao próprio ato de nascer. Jó se dirige ao vazio com um questionamento desesperado: “Por que não morri ao nascer? Por que não expirei ao sair do ventre de minha mãe? Por que havia um colo que me acolhesse, e seios, para que eu mamasse?”²⁶. O que é revelador aqui não é uma busca pelo retorno à segurança do colo materno, mas um lamento pela experiência do contato com o objeto primordial. O desespero de Jó, ao invés de manifestar um desejo de voltar ao conforto do alento materno, revela uma tentativa de escapar do excesso de gozo que seu sofrimento representa. Sua súplica expressa um anseio por se proteger de uma dor que não apenas o assola, mas o submerge e ameaça desintegrá-lo como sujeito. Nesse sentido, a lamentação de Jó pode ser vista como um reflexo da luta para se desvincular de uma experiência que excede a capacidade de simbolização e absorve o próprio ser em um estado de desamparo absoluto²⁷.

Para nós, leitores, a reflexão sobre a narrativa de Jó permite traçar conexões entre seu início e seu desfecho, revelando uma complexa interação entre sofrimento e desejo. Quando Deus responde ao lamento de Jó, que buscava justificar o motivo

26 Jó 3:11 e 12 - NAA

27 Agradeço ao professor João Gabriel Lima da Silva (UEFS) pela generosidade em realizar uma leitura crítica deste texto, especialmente ao apontar o problema central do desamparo, formulado na questão: “por que me amparou para desamparar?”. Embora não possa me aprofundar nessa análise, recorro ao relato bíblico em que o próprio filho de Deus (se nos permitirmos adentrar na narrativa) experimentou a falta, ao clamar aos céus: “Eli, Eli, lemá sabactani?”/“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46 NAA). Neste instante, o (filho do) grande Outro, ao se expressar, assume uma dimensão humana: a vivência do desamparo.

de seu sofrimento, ele começa com uma pergunta fundamental: “Onde você estava quando eu lancei os fundamentos da terra?”²⁸ Este “Onde você estava?” é mais do que uma simples indagação — ou ironia divina de um Deus que tudo sabe — ele reflete uma possibilidade, uma lacuna, na qual o próprio Deus manifesta enfrentar. O que, afinal, estava faltando? Se aceitarmos a hipótese de que somos, em algum sentido, causadores de desejo para os outros, poderíamos até mesmo considerar que isso se estende ao grande Outro? Em última análise, Deus também carece de algo? Vejamos: Na pergunta que abre o livro: “Você reparou no meu servo Jó? Não há ninguém como ele na terra” (Jó 1:8 NAA), Jó é elevado a um status de objeto causa de desejo, (*a*), quando Deus toma a presença de Jó como uma expressão da falta que sente — a *possibilidade* em que a pergunta “Onde você estava?” sucede. Nesse experimento, o autor nos proporciona um Outro que foi capturado pela dinâmica do desejo, da falta, afinal, “em um mundo linguístico, todos os que falam, faltam!” (SPERO, 2007, tradução nossa).

III PORQUE SOFREMOS?

Por fim, a incessante busca de Jó por um sentido para seu sofrimento revela a complexidade da angústia humana. A dor, para Jó, é um enigma opaco, e sua inquietação não é sem objeto²⁹, mas é um objeto que lhe escapa. Na sua procura desesperada, Jó se volta para a mão de Deus, contra o próprio Deus³⁰ que, paradoxalmente, permite que o sofrimento o atormente.

28 Jó 38:4 - NAA

29 Lacan, 2005, pg. 101

30 “A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (Freud, 2016)

Quando seus amigos o interrogam³¹ sobre a causa de seu tormento, a premissa implícita é que o sofrimento deve ser um reflexo de alguma falha moral, já que a injustiça divina é impensável. Contudo, a argumentação de Jó transcende a mera noção de culpa pessoal; no cerne do seu questionamento está a (ausência de) significação do seu sofrimento — “Não tenho descanso, não tenho sossego, não tenho repouso; só tenho inquietação” (Jó 3:26 NAA). No clímax da narrativa, Javé se manifesta através de um redemoinho³² e responde da maneira mais intrigante possível. Como observa Chesterton (2013), “Jó apresenta uma nota de interrogação; Deus responde com uma nota de exclamação”. Em vez de oferecer uma explicação satisfatória sobre o sofrimento, Deus revela um mundo infinitamente mais complexo e estranho, uma espécie de *espetáculo fantasmático obscuro*³³. Deus age, como lembra Zizek (2005), como alguém pego em um momento de impotência: “Será que alguém que usa de censuras poderá discutir com o Todo-Poderoso?” (Jó 40:2 NAA). Assim, a incessante busca por um sentido para o que nos falta não encontra nem mesmo em Deus um símbolo de compreensão. Quando esse Outro nos olha de volta, quando temos um acesso ao Real, o que resta?

31 Elifaz, Bildade e Zofa. Jó 3 a 37 - NAA

32 "Então, do meio de um redemoinho, o Senhor respondeu a Jó e disse" Jó 38:1 - NAA

33 Expressão emprestada de Zizek (2005) tradução nossa.

REFERÊNCIAS:

ALTER, Robert. **The Wisdom Books: job, proverbs, and ecclesiastes**. New York: W. W. Norton & Company, 2010

BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLAKE, William. **Illustrations of The Book of Job**. 1826. Gravura em papel creme médio, levemente texturizado 41.9 × 29.8 cm. Disponível em: <https://collections.britishart.yale.edu/catalog/tms:3946>. Acesso em: 1 set. 2024

BLAKE, William. **Job's Comforters, Gravura 7**. 1825. Gravura em papel creme médio, levemente texturizado 19.7 × 15.2 cm. Disponível em: <https://collections.britishart.yale.edu/catalog/tms:2439>. Acesso em: 1 set. 2024

BLAKE, William. **Job's Despair, Gravura 8**. 1825. Gravura em papel creme médio, levemente texturizado 19.7 × 14.3 cm. Disponível em: <https://collections.britishart.yale.edu/catalog/tms:2440>. Acesso em: 1 set. 2024

Chesterton, G.K. **“Introduction to the Book of Job,”** Disponível em: chesterton.org/introduction-to-job. Acesso em: 1 set. 2024

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In S. Freud, Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (1901-1905). 1. ed. (P. C. de Souza, trad., pp. 121-154). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. 2016

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro I: os escritos técnicos de Freud, 1953-54.** Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar. 2009

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SPERO, M. H. **The hidden subject of Job: Mirroring and the anguish of interminable desire.** In G. Glas, M. H. Spero, P. J. Verhagen, & H. M. van Praag (Eds.), *Hearing visions and seeing voices: Psychological aspects of biblical concepts and personalities* (pp. 213–266). 2007

ZIZEK, S. **The Act and its Vicissitudes, The Symptom: Online Journal for Lacan.** 2005. Disponível em: www.lacan.com/symptom6_articles/zizek.html. Acesso em: 30 set. 2024